

# Agora é o momento de apoiar o tecido empresarial

[ CONSTRUÇÃO E IMOBILIÁRIO ]

“O recente alívio da pressão dos mercados financeiros sobre Portugal tem de se repercutir, agora, nos agentes económicos”, diz Reis Campos, Presidente da CPCI – Confederação Portuguesa da Construção e do Imobiliário, considerando que “chegou a hora de olhar para as empresas e para os setores de atividade com maior capacidade para induzir o necessário crescimento”. Por isso, acrescenta, “não vale a pena acenar com a sa-

a verdade é que a crise continua a arrastar milhares de empresas para a falência. Sabemos que a atual carga fiscal é asfixiante e que, por isso, não se vai poder manter durante muito mais tempo, pelo que, ou se tomam, imediatamente, medidas para dinamizar o crescimento económico e o investimento, ou corremos o sério risco de desperdiçar todos os sacrifícios feitos até agora.”

Numa altura em que o setor atravessa o pior momento da sua história, verificando-se a ocor-

## 2013 TEM DE SER O ANO DE O ESTADO E A BANCA CONTRIBUÍREM PARA A RECUPERAÇÃO DAS EMPRESAS

ída do programa acordado com a Troika e com um hipotético fim da crise, se o País não for capaz de criar as condições adequadas para a preservação do tecido empresarial e para a manutenção e criação de emprego”.

“Ficamos com a ideia que, quer o Estado, quer a Banca, comecem lentamente a ver os seus problemas resolvidos e a respirar de alívio, mas, do lado da economia real,

rência de mínimos sucessivos em praticamente todos os indicadores económicos, como é o caso do consumo de cimento, que está a níveis de 1973, das licenças de construção, que são dez vezes menores que as verificadas há 11 anos, ou do peso do investimento no PIB, em valores nunca vistos desde a década de 50, a “expectativa das empresas volta-se para a Agenda para a Construção e Imobiliário,



um plano de ação já assumido com o Governo no OE 2013 e que está em fase final de discussão com a Confederação”.

Com uma redução da produção de 50,1%, desde 2001, o último ano positivo para a atividade, ainda não refletida na quebra do emprego,

que caiu 33,8% e com um tecido empresarial esgotado e sem recursos, estrangulado por um Estado que não investe, nem paga as suas dívidas e por uma Banca que, tendo em conta as sucessivas ajudas de que tem sido alvo, se deveria preocupar, sobretudo, com o efetivo apoio

às empresas, a Construção e Imobiliário deve ver salvaguardada a sua competitividade e, em especial, a bem da sustentabilidade da economia nacional, obter condições para poder preservar os 120 mil postos de trabalho que, atualmente, se encontram em risco. //